

‘Reinvenção’ cultural

Durante e pós-pandemia, cultura pode ser a solução; entidades da cidade estão mantendo suas programações de forma on-line e gratuita

Bárbara Stéphanie Monteiro

Festas tradicionais, danças, concertos, artesanato, arte de rua, festivais de cinema e teatro, shows, espetáculos circenses e outras artes que movimentam a cena cultural de São José dos Campos compartilham as mesmas dificuldades e incertezas trazidas pela pandemia da Covid-19. Com os espaços fechados e as atividades pausadas para evitar aglomerações, a expectativa é que o setor esteja entre os últimos a se recuperar.

É é diante desse cenário de incertezas que novas formas de compartilhar a cultura ganham forma: multiplicam-se as “lives” em redes sociais e varandas de apartamento viram palcos voltados às janelas vizinhas. “Mesmo em meio a esta crise, a criatividade tem evidenciado a importância e o papel da produção artística e cultural para a vida das pessoas”, afirmou Angela Torneli, diretora executiva da Afac (Associação para o Fomento da Arte e da Cultura), organização social gestora do Parque Vicentina Aranha.

Para que o público tivesse a oportunidade de continuar a consumir as atividades oferecidas pelo parque, foi criado o projeto #VicentinaNaSuaCasa, com uma programação on-line e diversificada que engloba

atividades como música, literatura, qualidade de vida, ciência, artes plásticas e patrimônio histórico. A iniciativa também é uma forma de apoiar a classe artística, os produtores e técnicos que foram afetados pela pandemia.

“Já tínhamos no Vicentina Aranha uma presença digital forte com as atividades culturais presenciais e ações de qualidade de vida. Nossos seguidores - de São José e cidades vizinhas - interagem conosco. Criamos um laço afetivo, então conseguimos com a mostra virtual manter o nosso público junto conosco nesse momento”, disse a gestora.

O projeto exigiu uma reorganização de todo o processo de trabalho e a criação de uma nova estrutura e dinâmica para produzir o conteúdo digital, uma vez que, a maior parte da equipe está em home office. “Foi preciso se reinventar em meio ao cenário e as dificuldades, mesmo sofrendo com os impactos, a AFAC solidificou a sua atuação na cultura da nossa cidade”, destacou Angela.

Ainda segundo ela, sem uma retomada prevista das atividades presenciais, uma coisa é certa: uma das mudanças significativas é a necessidade do artista e dos agentes culturais “existirem” no universo digital. “Este é um legado que vai permanecer mesmo quando as coisas voltarem a ‘normalidade’”, defende.